



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/praticas-de-memoria-na-sala-de-aula>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by Asa da Palavra. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



Introdução: Práticas de memória na sala de aula

Situando a memória

A memória é uma faculdade humana e uma atividade fundamental para a construção de nossas subjetividades e de nossas relações com as identidades sociais. Como atividade neurológica e psíquica, atua na capacidade de receber, guardar e acessar informações das nossas experiências ou que recebemos por meio de algum processo de transmissão cultural.

A ação fundamental da memória é *lembrar*. Existem condições que afetam a habilidade de lembrar, e é possível pensar que tendemos ao esquecimento: esquecemos provavelmente mais do que lembramos, por isso nossa memória é feita também de fabulações e adaptações. Memória é construção: porque esquecemos, precisamos praticá-la. Além disso, armazenamos nossas informações de forma fragmentária, então, lembrar envolve ainda a articulação dessas informações, o que pressupõe a capacidade de interpretar e narrar.

Podemos pensar a memória em operações ligadas à repetição e ao reconhecimento, e também pela singularidade de um acontecimento. No primeiro caso, equivale ao hábito, como descrito por Henri Bergson (1999), depende do corpo, atua na cognição – na capacidade de aprender por modelos e introjetar regras – e molda modos de vida. O segundo tipo tem dimensão onírica e poética, segundo Bergson, e equivale a uma aparição, como “ressurreições do passado” que se presentificam no ato de lembrar – por exemplo, quando nos emocionamos ao recordar uma experiência única vivida, como se a estivéssemos vivendo de novo. A memória, para Bergson, nessa dupla configuração, é um tipo de mediação da consciência – ele chama de “imagens” – para percebermos o mundo e, logo, atuarmos sobre ele.

Compreendemos que a memória pode ser pensada não apenas no nível do indivíduo, mas também em planos social e cultural. A ideia de uma memória coletiva relaciona-se com a interação social, como explicou Maurice Halbwachs (1990), que observou que as memórias não se formam tão espontaneamente, mas se apoiam em “quadros sociais” que são tecidos por complexas combinações entre as lembranças de histórias vividas. Podemos pensar que esses quadros sociais nos permitem organizar as experiências vividas em narrativas e imagens que podem ser armazenadas e transmitidas coletivamente.

Por esse caminho, a memória é um tipo de conhecimento indexado pelas identidades sociais e talvez possa ser compreendida como o próprio arranjo temporal e narrativo que atua na construção de sujeitos individuais e sociais. Os tempos pelos quais se organiza a memória podem, assim, ser de dimensão individual ou coletiva; ou – como propôs Jan Assmann (2016) – podem ser de densidade interior e subjetiva (que atua nas formas autobiográficas da memória), social (que forma o que o autor chamou de memória comunicativa, uma memória coletiva performada e em constante movimentação por mídias e práticas sociais) e cultural (um tempo estabilizador de versões coletivas de memória seja por arranjos históricos, míticos ou culturais).

Essas dimensões de tempo na formação das memórias permitem compreendê-las como conhecimentos fundamentais para construir nossas perspectivas, individuais e coletivas, sobre o mundo e que orientam a maneira como agimos sobre ele.

Memória e linguagem: Trânsitos para uma educação decolonial

Pensando em caminhos para uma educação baseados na ideia de multiplicidade dos saberes, elegemos aqui a memória como atividade privilegiada para o ensino das linguagens. O colonialismo é tomado como um construto que permite ler processos históricos de estabilização de ideias de universalidade, calcadas exclusivamente em modelos de conhecimento de matriz europeia. O caminho da decolonialidade aponta não

para uma negação ou mera substituição de tipos de conhecimentos por outros, mas justamente para relações de integração entre saberes de diferentes procedências, texturas e tempos, na dinâmica de uma “ecologia de saberes”, como nomeou Boaventura de Sousa Santos (2010).

Uma pedagogia decolonial poderia, então, ser compreendida como um conjunto de práticas que estimulem formas mais dialógicas de pensar e de compreender o pensamento e que incentivem diversos tipos de criatividade. Catherine Walsh (2017) reforça a importância, a partir de tal concepção pedagógica, do trabalho com questões de ancestralidade, identidades, conhecimentos e práticas de múltiplas referências culturais de modo a desafiar o paradigma da “razão única”. Os modelos de construção de subjetividade precisariam ser trabalhados buscando romper com a ideia de “sujeito universal” e propiciando novos espaços para constantes “reconfigurações comunicativas do saber e do narrar”, como propõe Jesús Martín-Barbero (2014).

Este olhar comunicativo sobre a produção de memória é ressaltado dentro deste trabalho. A leitura e a escrita são eixos organizadores do ensino da linguagem e considerados aqui não apenas como competências a serem desenvolvidas, mas principalmente como atividades que fazem parte de um universo de “práticas de *self*”. Ajudam, assim, a elaborar e reelaborar constantemente as subjetividades: são práticas que participam de nossas experiências e produzem marcas das nossas trajetórias enquanto indivíduos e grupos.

As compreensões de leitura e escrita são alargadas inclusive para permitir abarcar a diversidade não apenas das fontes da memória, mas também de suas práticas e mídias. Oralidade, imagem, literatura, marcas corporais, encenações, montagem de arquivos, ferramentas digitais... A memória se faz de várias materialidades semióticas, performances e sociabilidades e o objetivo das atividades é o de se abrir a essas multiplicidades.

Identificamos ainda que, de modo geral, tópicos escolares de diversos campos disciplinares valorizam, sobremaneira, concepções de memórias bastante fixadas. As atividades propostas neste material nasceram com o intuito de propiciar que a escola não seja apenas um espaço para a transmissão de memória coletiva mais solidificada, mas também um lugar de produção de memória individual e social. Por isso, incentivamos, principalmente no ensino da linguagem, práticas pedagógicas que valorizem os sentidos de memória autobiográfica e comunicativa, e também um trabalho com as versões mais consolidadas da memória cultural que enfatize suas relações com os tempos subjetivos e sociais mais moventes, ou seja, que não fixem uma ideia de passado “congelado”, mas explorem as múltiplas relações entre temporalidades.

Sobre as atividades

O livro está dividido em três partes que relacionam um conjunto de propostas didáticas envolvendo a memória dentro das práticas e currículos escolares em aulas de Língua

Portuguesa ou outro componente curricular. As transposições didáticas aqui presentes foram realizadas a partir de diferentes formatos, utilizando-se de metodologias já conhecidas (sequências didáticas, oficinas, projetos temáticos), repetidas em suas partes, transformadas ou adaptadas, mas, em todos os casos, garantindo a presença de atividades organizadas de maneira sistemática, com objetivos claros e voltados a uma determinada etapa de ensino.

A primeira parte deste livro, intitulada “Práticas de memória e a leitura da literatura” apresenta quatro propostas didáticas, as quais se desenvolvem em torno da leitura de obras literárias que possuem caráter memorialístico. As narrativas exploram diferentes espaços, colocando em debate perspectivas históricas e transculturais que revelam diferentes atividades humanas.

O projeto didático “A Culinária da memória”, de Lara Nantes Mantovani e Laura Armbrust Castanho, costura a relação entre afeto, memória e comida em atividades que exploram diversas linguagens a partir da obra *O Não me deixes: Suas histórias e sua cozinha*, de Rachel de Queiroz, escrito com a colaboração de sua irmã Maria Luiza de Queiroz. A proposta toma como base a metodologia de Rildo Cosson (2006) para o letramento literário – a sequência básica –, apresentando intervalos que se expandem na leitura, análise e diálogo com textos de gêneros diversos que tratam da mesma temática. Como produção final, as autoras trazem a possibilidade de explorar a criação de conteúdo em espaço digital com o uso de *scrapbook*.

Na sequência, Thiago Antônio Felipe e Vitor Morelli Silva, também com base em Cosson (2006), apresentam a sequência expandida “Os Griôs: Oralidade e ancestralidade” em que, por meio do livro *Toques do griô: Memórias sobre contadores de histórias africanas*, de Heloisa Pires Lima e Leila Leite Hernandez, propõem um conjunto de atividades que refletem sobre memória, identidade cultural, oralidade e ancestralidade. Tal proposta se desenvolve alinhada à lei 10.639/03, que enfatiza a relevância da cultura negra na formação da sociedade brasileira por meio do ensino escolar da história e cultura africana e afro-brasileira.

A terceira proposta didática, de Beatriz Ferreira Guimarães Ribeiro, apresenta como fio condutor o romance gráfico *Persépolis*, de Marjane Satrapi, um texto de caráter autobiográfico ambientado no Irã. As atividades de leitura, interpretação e produção apresentadas possibilitam refletir sobre as relações entre História e Literatura, bem como sobre o lugar da memória para a compreensão das experiências individuais e coletivas. Os textos sugeridos para leitura partem do Irã e fazem uma viagem por países e culturas diferentes, a fim de refletir sobre variados acontecimentos históricos que aparecem imbricados ao texto literário.

Ainda como proposta pertencente ao primeiro bloco, Giulia Yumi Tonhi Hashimoto e Joyce Brito dos Santos desenvolvem uma oficina de leitura denominada “A Vida em fotos e objetos: Memórias de infância”, a qual projeta a leitura de narrativas memorialísticas, buscando suscitar lembranças da infância relacionadas aos espaços e aos objetos. Para tanto, as autoras propõem a leitura de contos de Ondjaki e Antonio Prata para suscitar o compartilhamento de histórias de vida e a produção de narrativas memorialísticas.

A segunda parte deste material didático, “Memórias, mídias e intertextualidade”, é composta de mais quatro propostas didáticas que exploram as reflexões em torno da memória a partir das infinitas possibilidades apresentadas pelas mídias impressas e digitais e pela materialização do texto em diferentes formatos. Nesse sentido, também o caráter intertextual marca esta seção, uma vez que as atividades são perpassadas pelo diálogo entre os textos a serem lidos, seja pelo universo temático, seja pelas formas que o texto assume.

A primeira proposta didática desta segunda parte é produzida por Clara Motta e Rayssa Honczaryk, com a oficina de leitura “Quais histórias o nosso corpo conta?”. O conjunto de atividades se propõe a proporcionar momentos para refletir como as marcas corporais ajudam a compor a identidade de cada pessoa, relacionando o corpo com histórias de vida, sentimentos, sensações e marcas dos percursos vividos. Como oficina, as práticas didáticas que se apresentam englobam diálogos, experimentações, leituras de textos em suas múltiplas semioses e produção de texto em busca de despertar sensibilidades e conhecimentos do e sobre o corpo.

Em seguida, Laura Paes Feliciano e Maria Júlia Santos de Freitas apresentam o projeto didático “A Casa e suas histórias”, o qual discute a relação entre espaço e memória, mais especificamente acerca do significado da casa como lugar de memória dos sujeitos. Assim, o projeto didático propõe um percurso de ensino-aprendizagem dividido em “cômodos”, começando com a exploração da casa-museu, dos objetos de memória, do lar/casa, para chegar à recuperação de lembranças dos sujeitos envolvidos nas atividades, que passam a registrar suas próprias narrativas memorialísticas a fim de entender suas subjetividades a partir do conhecimento de si mesmos, do ambiente ao seu redor e do contato com o outro.

A terceira proposta, “O Sentir-se em casa em tempos de pandemia”, é uma oficina produzida por Ana Júlia Tetzner da Silva e Maria Júlia Brito de Freitas que potencializa a discussão do momento histórico vivenciado no Brasil e no mundo relativo à pandemia da Covid-19, de modo a levar os(as) alunos(as) a refletir sobre as suas percepções e experiências relacionadas ao espaço da casa na situação de confinamento. As atividades descritas, além de promover a leitura, a escrita e a ativação das percepções subjetivas dos(as) alunos(as) em relação a um tempo e a um espaço específicos, também oportunizam a reflexão sobre a ligação entre as categorias tempo, espaço, memória e identidade.

Para fechar a seção, a oficina de leitura e escrita “Cápsulas do tempo”, de Alice Prates Martins, oportuniza um conjunto de práticas de linguagem para a compreensão de formas de registros de acontecimentos que relacionam passado, presente e futuro, por meio da seleção de memórias, que serão revisitadas em tempo pré-determinado: as chamadas cápsulas do tempo. Desse modo, ao entender essa forma de registro, os(as) alunos(as) terão a oportunidade de produzir suas próprias cápsulas em diferentes formas de registro: fotografias, textos verbais escritos e orais (áudios), utilizando-se de mídias digitais para este fim.

A terceira e última parte deste livro, “Memória: Um tema interdisciplinar”, compreende o caráter desta atividade humana, a memória, que transita por diversas áreas de conhecimento. São três as propostas que se enquadram nesta seção e todas elas partem das relações que os estudos de linguagem estabelecem com outros campos, em especial, com as Artes, a História e a Sociologia.

Ana Fariña e Maurício Oliveira abrem a seção com uma proposta que explora a criatividade e a experiência sensorial: uma oficina de artes intitulada “Inventário de memórias”, a qual projeta um contexto de ensino-aprendizagem em que os(as) alunos(as) investigam o espaço de forma lúdica, revelando suas memórias diante dele. As atividades propostas neste material instigam a um olhar sensível e cuidadoso para a escola como lugar de vivências e de afetos, concretizando um inventário de memórias em linguagem artística no espaço e no tempo da experimentação.

Na sequência, a proposta de oficina temática interdisciplinar “(Re)Contando histórias: Trauma e memória”, de Daphiny Lisboa de Santana, recupera as reminiscências do passado que estão expostas no presente e que podem ser recontadas por meio de novas mídias e materialidade textuais. Neste caso, a autora constrói uma proposta didática que investiga o Holocausto a partir de leituras e pesquisas diversas para, ao final, chegar à produção do gênero roteiro para *podcast* de *storytelling* e posterior gravação, explorando as novas mídias para a criação de conteúdos e proporcionando espaços de discussão e criticidade.

Por último, Gabriel Elias fecha esse conjunto de propostas didáticas com a oficina temática interdisciplinar “Literatura e História: A Construção da memória”, apresentando textos em variadas materialidades e suportes para propor o estudo das memórias em um tempo específico no Brasil: a Ditadura Militar. A partir da leitura da conhecida obra *K. Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, a proposta explora, por meio de atividades diversas, a interface entre História e Literatura, apontando para a especificidade de cada um desses campos de conhecimento, em seus propósitos, linguagem, conteúdo e composição, refletindo também sobre o papel do historiador e do ficcionista ao recuperar eventos históricos no processo de produção de textos.

Ressalta-se, por fim, que as propostas didáticas presentes neste livro compreendem a linguagem como prática social e que, por isso, potencializam as práticas de memória nas aulas de língua(s) em atividade orais, de leitura e de produção textual, mobilizando diversos gêneros discursivos em circulação nas variadas esferas da atividade humana. Além disso, a memória, como atividade central na construção das identidades e das subjetividades, possibilita ao(à) aluno(a) analisar os acontecimentos – da sua vida e da vida de outros – em diferentes comunidades e culturas a partir da posição que ele ocupa, suscitando reflexões, olhares críticos e projeção de futuro.

Quadro-síntese das propostas didáticas			
Proposta	Temas	Série sugerida	Formato de atividade
1	Alimentação e memória biográfica	9º EF	Projeto didático
2	Griôs e memória oral	1º EM	Sequência expandida
3	História em quadrinhos e memória autobiográfica	2º EM	Sequência expandida
4	Memórias de infância	1º EM	Oficina de leitura
5	Corpo e memória	9º EF	Oficina de leitura
6	Espaço (casa) e memória	9º EF	Projeto didático
7	Memória, pandemia, tempo e espaço	2º EM	Oficina de leitura e escrita
8	Cápsulas do tempo como arquivos	9º EF	Oficina de leitura e escrita
9	Espaço escolar, vivências e afetos	5º EF	Oficina de artes
10	Holocausto, memórias traumáticas e narrativa oral, podcast	9º EF	Oficina temática interdisciplinar
11	Ditadura Militar e autobiografia	1º/2º EM	Oficina temática interdisciplinar

Referências bibliográficas

ASSMANN, Jan. "Memória comunicativa e memória cultural". *História oral*, v. 19, n. 1, 2016. pp. 115-127.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. (orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

WALSH, Catherine. *Pedagogías Decoloniales: Práticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir*. Quito : Editora Abya-Yala, 2017.

